

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXV - nº 03 - 16 a 22 de abril de 2018



UFRRJ

O futuro da democracia

Curso de extensão aborda
impactos do golpe de 2016

P.4 e 5

Entrevista: Jacques Pierre

Estudante haitiano
desenvolve projeto com
agricultores de seu país

P.3

Unidos pelo esporte

Alunos de Arquitetura,
Belas Artes e Jornalismo
criam Atlético

P.7



Desde 10 de abril, a UFRRJ somou-se às dezenas de universidades brasileiras e estrangeiras que oferecem atividades acadêmicas com o tema “O golpe de 2016 e o futuro da democracia”. O movimento se iniciou diante dos questionamentos feitos pelo ex-ministro da Educação à iniciativa original, a disciplina oferecida na UnB.

Neste momento de profundos e acelerados retrocessos, a universidade pública não pode se omitir de abrir espaço para o debate sobre os desafios a serem enfrentados pelo país a fim de resgatar e consolidar o processo democrático.

A classificação do *impeachment* da presidenta Dilma como um golpe de Estado é objeto de polêmica. Os defensores desta tese baseiam-se em fatos concretos, argumentos lógicos e em vasta bibliografia nacional e internacional. É uma abordagem acadêmica a ser respeitada mesmo por aqueles que discordem das conclusões dos autores.

Quais são esses argumentos? Em primeiro lugar, um mandato presidencial conquistado nas urnas foi interrompido a partir de uma sucessão de casuísmos. Basta lembrar que as chamadas “pedaladas fiscais” tinham sido praticadas por todos presidentes desde a redemocratização do país, sem gerar qualquer ques-

tionamento. Ou então que, na sessão da Câmara dos Deputados que deliberou pelo afastamento da presidenta, os favoráveis à medida sequer mencionavam os motivos que supostamente a embasavam.

O elemento mais importante para definir o *impeachment* como golpe, entretanto, é o fato dele ter representado uma alteração das regras do jogo político visando possibilitar a implementação de um programa oposto àquele que havia sido referendado pelas urnas em quatro eleições presidenciais sucessivas. Ou seja, de impor alterações nos rumos econômicos e sociais do país que não poderiam ser viabilizadas por meios democráticos.

Desde então, temos presenciado uma onda de ataques de proporções inéditas às universidades públicas, que se iniciou com cortes orçamentários drásticos e avançou para intervenções policiais e judiciárias descabidas, afrontando a autonomia universitária. As consequências têm sido trágicas, sendo a mais emblemática o suicídio do reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier. As mais recentes tentativas de impedir as universidades de promoverem atividades acadêmicas que se refiram ao *impeachment* como golpe, apenas aumentam os argumentos daqueles que defendem essa classificação.

Mas por que se intensificam esses ataques contras as universidades? Em primeiro lugar, elas são centros de promoção do desenvolvimento nacional, que, por sua própria natureza institucional, se contrapõem à agenda de desregulamentação da economia, extinção de direitos sociais e trabalhistas, repressão aos movimentos sociais e desrespeito aos direitos humanos que afronta a Constituição de 1988.

É importante observar também que os rumos da política nacional desde 2016 trouxeram, como efeitos colaterais, um aprofundamento do descrédito da política, e do cinismo em relação às políticas sociais progressistas. Assim, destampou-se o esgoto do obscurantismo, de onde emergem as sombras do fascismo, do fundamentalismo, do sectarismo e da falta de compromisso com a verdade factual.

As universidades públicas são hostilizadas e atacadas, portanto, pelo seu papel histórico como instituições difusoras do pensamento crítico. Mas também pela sua capacidade de demonstrar a contribuição do setor público para sociedade. Acima de tudo, pelo seu papel simbólico fundamental como expressão do processo de inclusão social, abertura de oportunidades e esperança de avanços estruturais no futuro, vivenciados intensamente no país na primeira

década do século XXI.

A defesa da autonomia universitária nesse contexto hostil exige, portanto, a valorização e fortalecimento das instâncias e normas internas como meios de resolução dos conflitos que naturalmente emergem em instituições ricas e complexas como a nossa.

É também de vital importância que avancemos no estreitamento das nossas relações com os mais diversos segmentos da sociedade e na difusão da nossa contribuição para o desenvolvimento do país. A universidade precisa ser reconhecida como um patrimônio coletivo da cidadania, não como um ambiente dividido internamente por disputas fratricidas.

Temos que elevar cada vez mais nossas pautas, a fim de conquistar um reconhecimento mais amplo da universidade pública como centro de promoção da qualidade de vida e do enfrentamento contra todas as formas de desigualdade e opressão.

Essa é a nossa contribuição fundamental para que o Brasil retome o caminho da experiência democrática que, com todos os seus percalços e frustrações, vinha, nas últimas décadas, gerando conquistas sociais significativas e nutrindo as esperanças em um futuro melhor. ■

Opinião

O encontro de Ciência e Literatura na visão romântica de José de Alencar

Soraya Almeida, professora do Departamento de Petrologia e Geotectônica da UFRRJ

No mundo atual, dominado pela especialização profissional, a ideia de cientistas literatos e da existência de poetas que fazem ciência pode parecer insólita. Mas no século 19, durante o movimento romântico europeu, especialmente na Grã-Bretanha e nos países germânicos, ciências naturais, literatura e arte possuíam fortes conexões, influenciando-se mutuamente. Pesquisadores de importância histórica como Humphrey Davy e Goethe dedicavam-se não apenas à pesquisa, mas também à poesia e à ficção literária.

Davy, responsável por grandes conquistas na área de química

– entre elas a descoberta de vários elementos, como sódio e potássio, isolados por meio de eletrólise – escrevia poemas que expressavam suas emoções diante dos resultados dos experimentos. Humphrey Davy acreditava que imaginação, delicadeza de sensações e capacidade de perceber o sublime eram habilidades tão necessárias quanto a razão na formação de uma mente científica. Esse pensamento é ilustrativo da visão romântica da ciência em sua época.

Nesse mesmo período, a geologia destaca-se como um novo ramo do saber, e questões como a origem dos vulcões, a imensidão

do tempo geológico e a extinção de animais pré-históricos eram temas de discussão nos círculos sociais, com reflexos na poesia, na ficção e nas artes plásticas. Geólogos, por sua vez, faziam uso de estilos literários e linguagem poética na divulgação de suas pesquisas, alcançando assim maior público.

No Brasil, José de Alencar, o mais expressivo escritor romântico nacional, não ficou alheio à Geologia Romântica. Esse é o tema do artigo publicado na *Revista Terrae Didática*, da Unicamp (1). Numa perspectiva inédita da obra do autor de ‘O Guarani’, o texto demonstra

como o romancista brasileiro fez uso estético de elementos geológicos em vários de seus romances, influenciado não apenas pela literatura europeia, mas também pelo debate científico em torno de descobertas e teorias.

(1) ALMEIDA, Soraya. *Ciência, Poesia e Literatura: a Geologia Estética na obra do escritor romântico José de Alencar*. *Revista Terrae Didática*, v. 13, p. 219-234, Dezembro. 2017. Link de acesso ao artigo: <https://goo.gl/dSBpr5> ■

Educação agrícola para transformar

Mestrando do PPGEA, o haitiano Jacques Pierre desenvolve pesquisa voltada para comunidade rural de seu país

João Henrique Oliveira

Ao falar do Haiti, muitos podem pensar apenas no subdesenvolvimento – é o país mais pobre das Américas – ou nas recentes tragédias naturais, como o devastador terremoto de 2010. Mas a nação caribenha possui grande potencial, especialmente na agricultura. Esta é a opinião de alguém que conhece a realidade local: o haitiano Jacques Fils Pierre, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA/UFRJ). “Noventa por cento de nossa produção é agroecológica. Poderíamos exportar produtos orgânicos para o mundo inteiro. Hoje, não podemos competir com o agronegócio. Então, temos de dar prioridade para a agricultura sustentável”, afirma o estudante. Com o objetivo de desenvolver projetos com os agricultores de sua terra natal, Jacques Pierre é um dos organizadores do ‘I Fórum de Agricultura Familiar Brasil-Haiti-EUA’ (ver box), evento internacional que vai promover debates e produzir um documento com recomendações ao Haiti.

Conte-nos um pouco de sua história.

Jacques Pierre – Nasci na cidade de Gonaïves, zona rural. Sou o caçula de onze filhos. Um time de futebol, né? (risos). Meu pai era agricultor familiar, mas nunca quis que os filhos seguissem esse caminho. Contudo, acabei me interessando pela área. Depois que eu terminei a escola secundária em Porto Príncipe [capital do Haiti], fui para a República Dominicana e me graduei em Engenharia Agrônoma.

Por que veio fazer pós-graduação no Brasil?

J. P. – Eu não estava satisfeito só com a graduação. Queria ter

mais conhecimentos e voltar com projetos para minha comunidade. Em 2015, decidi viajar para o Brasil. Primeiro, fiz pós-graduação em Gestão Ambiental na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2016, consegui passar para o Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA/UFRJ), que era o que eu estava procurando.

Qual o tema de sua pesquisa?

J. P. – Minha dissertação investiga as características de um agricultor familiar no Haiti. Quero compreender a situação socioeconômica e as práticas produtivas. A partir dessas respostas, posso fazer propostas mais viáveis para



Cooperação. No Brasil desde 2015, Jacques Pierre quer retornar ao Haiti e fazer projetos com agricultores locais

a comunidade. Meu objetivo é voltar com um projeto de educação para os agricultores.

Como surgiu a ideia do ‘I Fórum de Agricultura Familiar Brasil-Haiti-EUA’?

J. P. – Surgiu a partir das respostas de minha dissertação. Descobri que o Haiti não tem, como o Brasil, uma legislação que trata da agricultura familiar. Pensei, então, em reunir especialistas de Brasil, Haiti e Estados Unidos (onde fiz um curso na Universidade de Kentucky). O objetivo é produzir um documento com recomendações básicas ao Haiti em termos de políticas públicas.

Já sofreu preconceito por ser negro, imigrante e haitiano?

J. P. – Eu tenho duas barreiras: primeiro, sou negro; segundo, sou haitiano. Mas, quando chego a um lugar, me dedico a fazer o meu trabalho, sem me preocupar com o que uma pessoa acha de mim. Isso é uma coisa que eu utilizo para poder crescer na vida. Em qualquer lugar que você chega, sim, tem preconceito. Mas isso não me afeta. Eu só trabalho com pessoas que me entendem. Não me relaciono com quem tem preconceito. ■

I Fórum de Agricultura Familiar Brasil-Haiti-EUA

De 25 a 27 de abril, no Pavilhão Central, câmpus Seropédica da UFRJ.

Programação e inscrições (até 20 de abril) no site eventos.ufrj.br/forumafbeh

Realização:

PPGEA/UFRJ, Iniciativa Internacional para o Desenvolvimento Rural (IIDR) e Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica (PP-GAO/UFRJ).

Apoio:

UFRJ, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), Embrapa Agrobiologia e Pesagro-Rio.

Organização:

Rural Consultoria Júnior (RCJR).



Abertura. Reitor Ricardo Berbara (em pé) participou do primeiro debate do curso 'Golpe de 2016 no Brasil e o futuro da democracia'

Debate sobre futuro da democracia brasileira ganha força nas universidades

Curso de extensão da UFRRJ também provoca reflexão sobre o tema

Após polêmicas envolvendo curso análogo oferecido pela Universidade de Brasília (UnB), a Rural se une a outras instituições de ensino e promove o curso de extensão 'Golpe de 2016 no Brasil e o futuro da democracia'.

Organizado em 12 mesas-redondas, que acontecerão em diversos locais dos campi, a iniciativa contará com a participação de docentes e pesquisadores tanto da Rural como de outras universidades e organizações da sociedade civil. Com um perfil multidisciplinar, o objetivo é abordar os impactos do golpe em áreas como educação, campo jurídico, meios de comunicação, economia, entre outras.

O curso não está restrito aos estudantes de graduação. Um público variado, composto também por alunos da pós-graduação, técnico-administrativos e docentes, acompanhou a mesa de abertura realizada no dia 10 de abril, no auditório Hilton Sales, campus Seropédica.

O reitor Ricardo Berbara e o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação Alexandre Fortes participaram do debate sobre a uni-

versidade brasileira e o golpe de 2016. A mediação foi dos organizadores do evento, os professores Pedro Campos, do Departamento de História e Relações Internacionais (DHRI), e Vladimir Lombardo Jorge, do Departamento de Ciências Sociais (DCS).

Na ocasião, Berbara reafirmou a posição da Universidade no atual contexto político-social do país. "A Rural se posiciona em favor das liberdades, dos direitos humanos, do desenvolvimento social e do fortalecimento do ensino público, gratuito e de qualidade em nosso país", disse.

Em sua exposição, o pro-

fessor Alexandre Fortes alertou para o cuidado com paralelos simplistas e abordou as possíveis razões dos recentes ataques às universidades públicas: "Elas são centros promotores do desenvolvimento nacional; são centros de difusão do pensamento crítico e racional; demonstram a contribuição do setor público para a sociedade; são enormes concentrações do funcionalismo público; são símbolo da inclusão social e da esperança de avanços futuros gerados na era Lula. Nesse momento, é fundamental a unidade na defesa das instituições de ensino públicas". Fortes tam-

PROGRAMAÇÃO

- 17/04 14H** | SALA 34 DO ICBS. MESA: **"A EDUCAÇÃO E O GOLPE: DESMONTES E RETROCESSOS"**. COMPOSIÇÃO: JORGE NAJJAR (UFF), LUCÍLIA AUGUSTA LINO (UERJ) E MARIA DA CONCEIÇÃO CALMON ARRUDA (FIOCRUZ/UERJ). MEDIAÇÃO: LÚCIA VALADARES (UFRRJ).
- 24/04 13:30H** | AUDITÓRIO DO IM. MESA: **"O GOLPE E A POPULAÇÃO NEGRA"**. COMPOSIÇÃO: OTAIR FERNANDES (UFRRJ), RAUL SANTIAGO (COLETIVO PAPO RETO), LUCIENE LACERDA (21 DIAS CONTRA O RACISMO) E CLAUDIELE PAVÃO (DOUTORANDA UFRRJ). COORDENAÇÃO DE ÁLVARO NASCIMENTO (DH/IM).
- 02/05 18H** | AUDITÓRIO PAULO FREIRE (ICHS). MESA: **"A MILITARIZAÇÃO DAS CIDADES E A INTERVENÇÃO MILITAR NO RIO DE JANEIRO"**. COMPOSIÇÃO: VINÍCIUS ESPERANÇA (UERJ), VINÍCIUS GONÇALVES (UERJ) E THIAGO SARDINHA (UFRRJ). MEDIAÇÃO: NALAYNE PINTO (UFRRJ).
- 22/05 14H** | AUDITÓRIO DO DEGEQ. MESA: **"A GEOGRAFIA DO GOLPE"**. COMPOSIÇÃO: MAURILIO BOTELHO (UFRRJ), PABLO IBAÑEZ (UFRRJ) E GUILHERME RIBEIRO (UFRRJ). MEDIAÇÃO: MARCIO RUFINO SILVA (UFRRJ).
- 28/05 18H** | AUDITÓRIO DO PAT. MESA: **"A CONSTRUÇÃO DO GOLPE NO CAMPO JURÍDICO"**. COMPOSIÇÃO: JORGE GOMES DE SOUZA CHALOUN (UFJF). MEDIAÇÃO: ALEXANDRE PINTO MENDES (UFRRJ).
- 05/06 18H** | AUDITÓRIO PAULO FREIRE (ICHS). MESA: **"OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E O GOLPE"**. COMPOSIÇÃO: CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI (NÚCLEO PIRATININGA DE COMUNICAÇÃO), ANA LÚCIA VAZ (UFRRJ) E PAULA MÁIRAN (EX-PRESIDENTE DO SINDICATO DOS JORNALISTAS). MEDIAÇÃO: FLORA DAEMON (UFRRJ).
- 07/06 14H** | SALÃO AZUL. MESA: **"PERIFÉRIAS URBANAS E GOLPE"**. COMPOSIÇÃO: EDSON MIAGUSKO (UFRRJ), CARLY MACHADO (UFRRJ) E MÁRCIA LEITE (UERJ). MEDIAÇÃO: PEDRO CAMPOS (UFRRJ).
- 12/06 14H** | AUDITÓRIO HILTON SALLES. MESA: **"O GOLPE E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS"**. COMPOSIÇÃO: GIORGIO ROMANO (UFABC) E LUIZ FELIPE BRANDÃO OSÓRIO (UFRRJ). MEDIAÇÃO: CAIO BUGIATO (UFRRJ).
- 19/06 14H** | SALÃO AZUL. MESA: **"A ECONOMIA POLÍTICA DO GOLPE"**. COMPOSIÇÃO: JOÃO SICSÚ (UFRJ), EDUARDO COSTA PINTO (UFRJ), LUIZ EDUARDO MELIN (PUC-RIO), ALEXIS TORIBIO DANTAS (UERJ) E GRASIELA BARUCO (UFRRJ). MEDIAÇÃO: ANTONIO JOSÉ ALVES JÚNIOR (UFRRJ).
- 25/06 14H** | SALÃO AZUL. MESA: **"FORÇAS POLÍTICAS E O GOLPE"**. COORDENAÇÃO DE VLADIMYR LOMBARDO JORGE (DCS/ICHS). COMPOSIÇÃO: PAULO D'ÁVILA (UERJ), NELSON ROJAS (UFRRJ) E DARLAN MONTENEGRO (UFRRJ).
- 16/08 14H** | CPDA. MESA: **"OS EFEITOS DO GOLPE SOBRE O CAMPO: POLÍTICAS PÚBLICAS, DESCONTINUIDADES E RETROCESSOS"**. COORDENAÇÃO DE LEONILDE SERVOLO (DDAS/ICHS). COMPOSIÇÃO: SÉRGIO LEITE (UFRRJ), THEREZA MENEZES (UFRRJ) E REGINA BRUNO (UFRRJ). MEDIAÇÃO: LEONILDE SERVOLO (UFRRJ).

“

Espero que nos próximos encontros tenhamos sessões tão cheias como a primeira e que o curso sirva para apontar para a autonomia universitária. Que sinalize que a universidade é um espaço público, plural, diverso, onde podemos ter um pensamento crítico e um debate de ideias

Pedro Campos, professor do Departamento de História e Relações Internacionais (DHRI)

bém enfatizou que a resistência democrática é fundamental para evitar retrocessos: “A Universidade deve ser um centro de promoção de enfrentamento contra todas as formas de desigualdade e de opressão”.

‘Hora de se posicionar’

Participante da aula de abertura, Davi Maciel, aluno do nono período da graduação em História, ressaltou a importância do posicionamento dos estudantes nesse período. “Estamos vivendo um momento em que se você se posiciona, parece que está errado. Acho isso muito perigoso,

pois chega a legitimar o que está acontecendo na sociedade. As pessoas dizem que não irão se posicionar ‘nem para a esquerda, nem para a direita, mas para frente’. Mas, agora, é sim a hora de se posicionar”, disse.

Thaís Cristina Rodrigues, estudante do segundo período do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC), participou da aula com os colegas da disciplina de Teoria Sociológica e destacou o estímulo do curso à unidade em defesa da democracia: “Considero essa iniciativa muito positiva. É fundamental a percepção do que temos em comum

e de nossas lutas na sociedade”.

Para o professor Pedro Campos, a presença de mais de cem pessoas na aula de abertura sinaliza o interesse pelo tema, além da demanda da comunidade universitária por atividades como essa: “Espero que nos próximos encontros tenhamos sessões tão cheias como a primeira e que o curso sirva para apontar para a autonomia universitária. Que sinalize que a universidade é um espaço público, plural, diverso, onde podemos ter um pensamento crítico e um debate de ideias”.

Campos também falou sobre

a importância da instrução acerca da atual conjuntura e do que foi o golpe de 2016 em suas diversas dimensões. “Que saíamos desse curso mais preparados para lidar com o momento tão difícil que vivemos no Brasil e no mundo”, concluiu.

Promovido pela Pró-Reitoria de Extensão (Proext), o curso é aberto ao público e não exige inscrição prévia. Serão emitidas declarações de participação para cada encontro, além do certificado de conclusão do curso para aqueles que tiverem mais de 75% de presença. ■

Arte: CCS



“

Na ONG, há uma aproximação muito boa dos professores com as crianças, não é uma coisa 'robotizada' como numa creche tradicional.

Karen Tinoco, estudante de Agronomia da UFRRJ

Mães da Rural

Creche comunitária em Seropédica atende estudantes da Universidade

Isabela Borges

Como a UFRRJ não possui uma creche, estudantes que são mães buscam alternativas na comunidade. Uma delas é o Instituto Paulo César Filho, uma Organização Não Governamental (ONG) voltada para mulheres que não conseguem colocar seus filhos numa creche municipal. Localizada no bairro Boa Esperança, Seropédica, o Instituto recebe atualmente 15 crianças – nove delas são filhos e filhas das universitárias.

A partir da procura das rurais, a ONG criou um novo projeto: o 'Mães da Rural'. “Acolhemos essas mães e damos uma força pra que elas se formem, e também alcancem seus objetivos”, diz a presidente da ONG, Sônia César.

Cristiane da Silva Alves é mãe de Miguel, de dois anos e seis meses. Alojada e usuária do Instituto, ela também faz parte do Coletivo de Pais e Mães da UFRRJ (Copama). Para ela, o serviço oferecido pela ONG é melhor do que em muitas outras creches da região. “Lá meu filho tem uma alimentação melhor. Quando eu chego fora do horário, ele está se alimentando, ao contrário de outros lugares”, afirma Cristiane.

Além de as mães deixarem seus filhos no local, também se envolvem no projeto, ministrando oficinas, cuidando da horta ou se revezando em algumas das atividades com as crianças.

“O meu filho fala: ‘A cenoura sai da terra, né mamãe? Cenoura que eu plantei’. Ele sai todo feliz com o pãozinho que ele mesmo fez”, conta Cristiane. “Isso faz com que as mães tenham um conhecimento sobre a realidade do Instituto, sobre como ele funciona, e o que é oferecido aos seus filhos”.

Doações

Karen Tinoco é estudante de Agronomia. Sua filha Isis, de dois anos e oito meses, também

já frequentou o Instituto Paulo César Filho que, segundo ela, se diferencia pelo tratamento mais humano.

“Na creche em que a Isis estava, eu não percebi a humanidade que há no Instituto. Na ONG, há uma aproximação muito boa dos professores com as crianças, não é uma coisa 'robotizada' como numa creche tradicional”, opina Karen. Integrante da empresa júnior Rural Consultoria, a estudante disse que, em alguns eventos organizados pela entidade, são arrecadados alimentos para o Instituto.

Para se sustentar, a ONG arrecada uma taxa das mães que utilizam o espaço. Mas, segundo Cristiane Alves, há flexibilidade da instituição em relação a eventuais atrasos. “Se eu estivesse devendo em outro lugar, tenho certeza de que já teria sido chamada à direção. Em outras creches particulares, se você não paga, seu filho não vai. Mas Instituto é mais tranquilo”, comenta.

Além de alimentos, o Instituto Paulo César Filho também aceita doações de roupas. As peças que não servem para as crianças são usadas para um bazar, cuja renda é usada pela ONG. O dinheiro arrecadado também é utilizado para compra de cestas básicas da família da criança necessitada.

A creche comunitária está dividida em dois polos. O primeiro sedia o projeto 'Mães da Rural'. Já o segundo é voltado para crianças em situação de alta vulnerabilidade, muitas vezes sem condições de comer. Assim, o dinheiro arrecadado acaba sendo utilizado principalmente no Polo 2. Sônia César pretende montar uma horta comunitária, já existente no Polo 1. ■

O Instituto Paulo César Filho fica na Av. Bento Rodriguez N°4, Bairro Boa Esperança, em Seropédica/RJ. Contato: Sônia César, (21) 99339-6444.

Quando o esporte fala mais alto

Formada no ano passado, Atlética reúne estudantes de Jornalismo, Belas Artes e Arquitetura

Matheus Brito

Grade de horários que não permite tempo livre, preocupação com a formação acadêmica, a galera que estagia ou trabalha e os valores das competições – que não são baratos – são as principais barreiras para que estudantes se envolvam com o esporte dentro da UFRRJ, como também em outras universidades. Mesmo assim, o prazer pela prática esportiva e o desejo de ver o curso e a universidade representados nas principais competições levam os discentes a superarem todas essas dificuldades. Um caminho que a Atlética de Comunicação e Artes da Rural tomou.

A ideia da Acsar, como também é conhecida, surgiu de uma conversa dos estudantes Bruno Todaro, Augusto Araújo e Lucas Meireles, todos do quinto período de Jornalismo na UFRRJ, no final de 2016, sobre a vontade de disputar torneios e a ausência de uma atlética do curso. O desejo foi ganhando força e adeptos. Até que, em agosto de 2017, após várias etapas junto à Pró-Reitoria de Extensão (Proext) e à Atlética Central da Universidade Rural (Acur), o projeto se concretizou.

No início, formada apenas por estudantes de Comunicação Social e com seis membros na diretoria executiva, a Atlética enfrentou algumas dificuldades. Era preciso ter local para os treinos e equipes para participarem das competições que viriam. Os estudantes se mobilizaram e conseguiram reservar as quadras do Ciep Maria Joaquina, no Km 49, e do Colégio Presidente Dutra, em frente ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS). O material esportivo foi cedido pelo Departamento de Esporte e

Lazer (DEL/Proext). O primeiro passo havia sido concluído com sucesso.

Os Jogos Universitários de Comunicação Social (Jucs), principal torneio da área, serão realizados mês que vem, em Vassouras/RJ. O presidente da equipe, Bruno Todaro, esteve na edição de 2017 e descobriu que o curso de Belas Artes poderia participar dos Jucs. Mais tarde, nova surpresa: em reunião com a Atlética da Universidade Federal Fluminense (UFF), foi revelado que o curso de Arquitetura e Urbanismo também. Era o que o grupo queria para se fortalecer. Mas como havia certa urgência para iniciar a Atlética, só foi possível incorporar esses cursos em março de 2018. Hoje, a gestão da Acsar é formada por 23 estudantes, divididos entre os três cursos.

Bruno diz que o objetivo é reunir o maior número de pessoas interessadas em disputar, torcer e vivenciar o esporte na universidade, destacando a integração dos cursos. “São outras realidades, outras experiências.

Principalmente para nós, estudantes de Jornalismo, pois quanto mais contatos a gente tiver e levar para a vida é melhor”, completa.

Para o estudante de Belas Artes e diretor de torcida da Acsar, Cláudio Neves, a junção dos cursos proporciona uma interação maior entre as áreas, dando mais visibilidade para cada formação entre as outras dentro da Universidade.

Nada vem fácil

Como a UFRRJ passa por dificuldades financeiras e estruturais, o estímulo da instituição ao esporte e à Atlética está longe do ideal, como alerta o diretor Adjunto de Esportes, Chrystian Fuentes: “Por parte da Universidade, não há muito incentivo. A galera participa pela afinidade que tem com o esporte. Por sermos de um curso noturno, nos sentimos muito prejudicados por não poder participar de competições, já que muitos atletas trabalham ou estudam entre a manhã e tarde. Não temos muitas alternativas neste caso”, conta o aluno do 7º período de Jornalismo.

Cláudio também reconhece a dificuldade para os horários de treino, mas ressalta o papel do esporte na graduação. “O esporte e a vida acadêmica precisam ser conciliados. É fundamental unir esses dois mundos”, afirma.

Uma das exigências dos Jucs

é levar equipes para todas as modalidades da competição. Os valores são muito altos para o perfil dos atletas, o que retira dos estudantes que estão treinando a oportunidade participarem. O tempo pesa bastante também. Para que os alunos tenham a chance de se prepararem, treinos são remarcados ou realocados semanalmente, esbarrando nos horários de aula dos cursos noturnos. Além destes empecilhos, os estudantes de Jornalismo têm mais um compromisso na agenda: o Congresso de Ciências da Comunicação, o Intercom Sudeste, que acontece logo após os Jucs. Aí entra a questão da prioridade e da condição de cada indivíduo. Dentro da realidade, as duas coisas são quase impraticáveis.

Ao fim da gestão, Bruno Todaro diz não saber se a Atlética estará mais forte, consolidada, com pessoas interessadas e com maior número de atletas. Mas essa é a meta. “A gente não se dedica horas, dias e até semanas de trabalho para algo que termine depois de um tempo. A cultura do esporte nos nossos cursos não é tão forte. Não podemos imaginar que, em apenas seis meses, a galera se engaje. É preciso ter paciência. Que daqui a dez anos, quando já estivermos trabalhando, a gente veja a Acsar disputando de igual para igual as competições”, conclui o estudante. ■



Mr. Crazy/Facebook

Fome de bola. Equipe de handebol da Acsar (de azul) no torneio de Integração das Atléticas de Jornalismo e de Relações Internacionais

Estudantes da UFRRJ são premiadas em concurso nos Estados Unidos

Duas alunas do curso de Engenharia Química da Universidade Rural foram premiadas, semana passada, no concurso Student Context, promovido pela *American Association of Drilling Engineer* (Associação Americana de Engenharia de Perfuração – AADE). Caroline Eulino Gonçalves Pereira ganhou a medalha de segundo lugar na categoria Pós-Graduação, e Isadora de Jesus também ficou em segundo na categoria Graduação. A premiação aconteceu na cidade de Houston, no estado do Texas (EUA).

As estudantes desenvolveram seus estudos no Laboratório de Escoamento de Fluidos Giulio Massarani (LEF), do Departamento de Engenharia Química. O laboratório é coordenado pelos professores Luís Américo Calçada e Cláudia Miriam Scheid, em parceria com a Petrobrás e com a Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da Universidade Rural (Fapur).

Por Victor Ohana, da Fapur

Comissão Interna de Saúde da Rural será estabelecida no IM

A primeira Comissão Interna de Saúde do Servidor Público (Cissp) está em processo de criação no Instituto Multidisciplinar (IM), câmpus da UFRRJ em Nova Iguaçu. Análoga à Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) da iniciativa privada, a Cissp foi aprovada por meio da Deliberação nº 19 do Conselho Universitário (Consu), de 29 de abril de 2015. A Comissão integra os esforços em Vigilância em Saúde e Segurança no Trabalho da Divisão de Atenção à Saúde do Trabalhador (Dast).

No dia 20 de março, formou-se a Comissão Eleitoral responsável por conduzir a consulta à comunidade. O prazo para inscrição de candidatos vai até 19 de abril. A votação está prevista para os dias 8, 9 e 10 de maio.

Mais informações em <https://bit.ly/2H1ra40>

Por Divisão de Atenção à Saúde do Trabalhador (Dast/UFRRJ)

Universidade assina Protocolo de Intenções com o Comitê Guandu-RJ

A Rural é uma das instituições que irão participar da Assinatura do Protocolo de Intenções com o Comitê Guandu-RJ. O evento acontecerá na quarta-feira, dia 18 de abril, às 14 horas, no Auditório Salão Vermelho, do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, câmpus Seropédica. O objetivo é firmar uma cooperação técnica, científica, cultural e financeira entre os participantes: UFRRJ, CTUR, UniRio, Uerj, Faetec, Embrapa e USS. Mais informações pelo e-mail guandu@agevap.org.br



UFRRJ recebe medalha do centenário de D. Adriano Hypolito

A UFRRJ recebeu, em 21 de março, medalha comemorativa ao centenário de Dom Adriano Hypolito. A Universidade foi representada pelo pró-reitor de Extensão, Roberto Lelis (foto), em cerimônia realizada em Nova Iguaçu.

Dom Adriano Mandarino Hypolito nasceu em 1918, na cidade de Aracaju/SE. Em 1966, foi nomeado bispo de Nova Iguaçu/RJ, com intensa atuação social na Baixada Fluminense. Na década de 1970, em plena ditadura, foi sequestrado por um grupo de extrema-direita. Ameaçado de morte, chegou a ser aconselhado a deixar a região, mas resistiu. Dom Adriano morreu aos 78 anos, em 1996.

Nota de falecimento

É com pesar que o Instituto de Zootecnia (IZ) comunica o falecimento, em 3 de abril, de Delci de Deus Nepomuceno, bolsista de pós-doutorado (PNPD-Capes) junto ao Departamento de Nutrição Animal e Pastagens.

Delci era graduado em Medicina Veterinária e mestre em Zootecnia pela UFRRJ, e doutor em Ciência Animal pela Esalq-USP. Além disso, tinha atuação marcante junto à graduação e pós-graduação em Zootecnia, ministrando aulas e auxiliando na orientação de discentes.

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Barbra | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupolillo | **Pró-Reitor de Assuntos Financeiros:** Reginaldo Antunes dos Santos | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL** | **Coordenadora de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** Fernanda Barbosa, João Henrique Oliveira, Michelle Carneiro, Miriam Braz e Ricardo Portugal | **Capa:** Patrícia Perez | **Estagiários:** Carla Juliana Santos, Isabela Araújo Borges, Letícia Santos, Matheus Brito e Priscilla Silva (Seropédica); Gabriela Lessa (Campos dos Goytacazes) | **Projeto Gráfico:** Patrícia Perez | **Diagramação:** Alexandre Souza e Patrícia Perez | **Imagens:** Freepick e Freemages || **Redação:** BR 465, Km 47, UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131, Seropédica, RJ. | **CEP:** 23897-000 | **Tel:** (21) 2682-2915 | **E-mail:** comunicacao@ufrj.br | **Portal:** <http://portal.ufrj.br> | **Impressão:** Imprensa Universitária | **Tiragem:** 1000

